

A PALAVRA¹ COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO/DO PROCESSO EDUCACIONAL: EM CARTAZ “ESCRITORES DA LIBERDADE”

THE WORD AS AN INSTRUMENT TO SOCIAL CHANGE IN/OF EDUCATION: AN ANALYSIS OF “FREEDOM WRITERS” MOVIE

Tatiane Dutra de Godoi Arriel²
Hélvio Frank de Oliveira³
Rita de Cássia Moreira da Silva⁴

Resumo: O presente estudo busca discutir a palavra como instrumento de transformação social no/do processo educacional em um contexto escolar considerado problemático representado em uma obra cinematográfica. Para abordar tais questões, além de suportes teóricos que abordam a palavra como meio de produção de mudanças (BAKHTIN, 2009), relacionando-a ao próprio fazer (AUSTIN, 1962), ao poder (BOURDIEU, 1998a) e em pleno envolvimento com estudos linguísticos na área de educação (STUBBS, 2002), é utilizado como objeto de análise o filme norte-americano “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*). O referido filme, baseado no livro “O Diário dos Escritores da Liberdade” (*The Freedom Writers Diary*) demonstra uma situação enfrentada em muitas instituições educacionais e reflete a problemática social de muitos estudantes e professores na contemporaneidade. No entanto, através dos projetos de leitura e escrita implementados pela professora Erin Gruwell no processo educacional, são capazes de promover uma grande transformação social, tanto no ambiente escolar, quanto no meio social. O enredo oferece uma análise pedagógica pertinente ao explorar um contexto de desigualdades e problemas sociais em que a palavra pode ser usada não apenas para descrever uma enunciação, mas como um instrumento de ação e de significação do mundo. Essa análise abre espaço para refletir sobre os sentidos da escola e a sua relação com problemáticas sociais, a fim de se desenvolver uma educação que vise à formação humana, ética e emancipatória.

Palavras-chave: Palavra. Transformação Social. Processo Educacional.

Abstract: This paper discusses the word as instrument to social change in/of Education in a context considered problematic represented in a movie. To address these issues, as well as theoretical supports that discuss the word as a means of changes (BAKHTIN, 2009), relating it to its own doing (AUSTIN, 1962), power (BOURDIEU, 1998a) and full involvement with studies language in education (STUBBS, 2002), is used as the object of analysis the movie made in USA “Freedom Writers”. That film, based on the book “The Freedom Writers Diary” shows a situation faced in many educational institutions and reflects the social problem of many students and teachers nowadays. However,

¹ Neste artigo, sem a pretensão de esboçar conceitos simplistas, empregamos o termo “palavra”, utilizado pelo Círculo de Bakhtin (2003), como sinônimo de discurso, entendendo que se trata de construções de linguagem atreladas ao contexto social no qual os textos são produzidos e recebidos. Nesse sentido, à palavra (discurso) é outorgada a caracterização de forma concreta, e não mais abstrata, porque envolve indissolivelmente elementos de enunciação, uma vez que toda fala pressupõe um contexto de interlocutores, com suas ideologias, envolvidos numa situação comunicativa marcada absolutamente pela condição de tempo e de espaço. De posse desse crivo conceitual, ao mesmo tempo optamos por considerar os termos originalmente sugeridos (língua, linguagem, discurso, palavra etc.) em cada autor trazido à discussão.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás e professor permanente no PPGIELT.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

through reading and writing projects implemented by teacher Erin Gruwell in the educational process, those students are able to promote a major social change, both in the school environment, as in the social environment. The plot offers a relevant pedagogical analysis to explore the context of inequality and social problems in which the word can be used not only to describe an utterance, but as an instrument of action and of world significance. This analysis provides reflections on the school's senses and its relation to social issues in order to develop an education that aims at the human, ethical and emancipatory.

Keywords: Word. Social change. Education.

“A professora G. disse que a gente tinha uma coisa para dizer às pessoas; não éramos mais só garotos de uma turma, éramos escritores, com nossas próprias vozes, nossas próprias histórias. E mesmo que mais ninguém lesse, o livro era uma coisa que deixaríamos para os outros, dizendo quem nós éramos. Foi isso que aconteceu... nós importávamos; mesmo que só para nós mesmos, e nós não vamos esquecer”. (ESCRITORES DA LIBERDADE, 2007).

Os temas envolvendo a língua na educação são questões relevantes e “estão profundamente inseridos na vida e nas atitudes culturais” (STUBBS, 2002, p. 86). Portanto, diante da importância do sentido e do papel da escola e da educação para a compreensão da palavra como instrumento de transformação social no/do processo educacional, neste estudo é abordada a configuração das diversidades sociais e culturais presentes no contexto escolar e, com isso, as desigualdades sociais e de acesso às culturas consideradas “nobres”.

A escola, bem como o processo educacional e a função social que desempenham na sociedade, tem sido alvo de várias discussões políticas e teóricas ao longo do tempo. A chamada “crise na educação” não é um discurso recente, do século atual, mas algo que se discute há muitos anos. Como explorado por Arendt (1997, p. 221), “a crise geral que acometeu o mundo moderno em toda parte e em quase toda esfera da vida se manifesta diversamente em cada país, envolvendo áreas e assumindo formas diversas”. Diante desses discursos de crise, de declínio no campo educacional, há uma busca constante por mudanças, por modelos mais eficazes de ensino.

São muitas as preocupações em torno do papel da educação, haja vista que, como afirma Arendt (1997, p. 234), “a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos”. Há sempre a necessidade de mudanças, de adaptações aos anseios do momento, embora, para Mészáros (2005), desde o seu surgimento, há cerca de 150 anos, mesmo com tantas transformações, a

educação institucional não tem feito nada além de internalizar os valores de legitimação das classes dominantes e produzir mão de obra que atenda às necessidades do sistema capitalista.

Muitos estudiosos abordam que a escola é responsável por reproduzir as desigualdades sociais, legitimando os privilégios das classes dominantes em relação aos dominados; enquanto outros procuram defender o poder de mudança, de política emancipatória, que a escola detém. O fato é que ao mesmo tempo em que há a defesa do direito de todos a uma educação de qualidade, observamos também que a instituição educacional acaba sendo responsável pela exclusão social dos sujeitos.

Diante dessas considerações, a partir de uma leitura crítica da obra cinematográfica norte-americana “Escritores da Liberdade⁵”, nós questionamos: como a palavra pode servir de instrumento de transformação social no/do processo educacional e ajudar na emancipação dos alunos em meio a um contexto escolar que mais exclui do que inclui? Qual o papel da escola e do professor diante das problemáticas sociais vivenciadas pelos alunos?

Para responder a estes questionamentos, o presente estudo objetiva discutir a palavra como um instrumento de transformação social no/do processo educacional em um contexto escolar considerado problemático e representado no filme, objeto de análise deste trabalho acadêmico. A história representada demonstra uma situação enfrentada em muitas instituições educacionais e reflete a problemática social de muitos estudantes e professores, mas que, através dos projetos de leitura e escrita implementados pela professora Erin Gruwell, são capazes de promover uma grande transformação social.

Buscaremos problematizar a palavra, nas práticas sociais, como um instrumento de poder, que vai além das paredes da sala de aula e capaz de ajudar na transformação social dos sujeitos envolvidos no processo educacional; para isso, tomaremos por base a concepção pragmática da linguagem, a qual elucida que a palavra não apenas descreve os atos, mas a vê como uma forma de ação (AUSTIN, 1962). Partindo dos pressupostos apresentados em teorias que defendem a palavra como sendo histórica e socialmente constituída, aliada a uma visão pragmática da linguagem, em “Escritores da Liberdade” serão discutidas as possibilidades de tornar o processo educacional como algo atrativo, emancipatório e que dê voz às problemáticas sociais enfrentadas pelos alunos. Serão abordadas ainda as

⁵ “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*) é um filme de drama, norte-americano, baseado na história real de Erin Gruwell (interpretada por Hilary Swank). Inspirado no livro “O Diário dos Escritores da Liberdade” (*The Freedom Writers Diary*), foi dirigido por Richard La Gravenese, ambientado em uma escola de ensino médio de Long Beach (EUA), a *Woodrom Wilson*. O filme foi lançado em 2007 e distribuído pela Paramount Pictures.

possibilidades do desenvolvimento de um processo educacional que vá além de uma educação para o capital (MÉSZÁROS, 2005), com foco para a concepção da linguagem como indispensável nas interações sociais.

Primeiramente, discutimos os sentidos da escola tendo por condição a palavra como instrumento de representação da realidade em analogia ao enredo do filme. Em seguida, abordamos, a partir de fatos desempenhados na obra cinematográfica e de apontamentos teóricos, uma perspectiva de transformação social no e do processo de educação, através de um fazer emancipatório.

Uma Relação Entre os Sentidos da Escola, a Palavra como Instrumento de Transformação Social no/do Processo Educacional e o Filme “Escritores da Liberdade”

Ao desenvolver um estudo histórico e cultural da língua na educação, Stubbs (2002, p. 87) reforça que, para estudarmos esse campo, não é suficiente nos atermos a uma análise linguística, mas entendermos que “questões de língua, educação, currículo, prestígio cultural e poder social são inseparáveis”. Desse modo, para compreendermos de que maneira são concebidas a leitura e a escrita no filme “Escritores da Liberdade”, bem como o poder de mudança que a palavra carrega, não podemos nos esquivar das discussões acerca dos sentidos da escola, tampouco de sua associação com as problemáticas e desigualdades sociais.

Na sociedade atual é muito discutido o papel da educação voltado para o sucesso mercadológico, em que as escolas, para serem consideradas boas, sejam capazes de formar estudantes para serem aprovados nas melhores universidades, e posteriormente receberem os maiores salários do mercado. O que observamos é uma preocupação em oferecer uma educação voltada para o capital, para o financeiro. Ao se referir a Aristóteles, Coêlho (2012) enfatiza a importância do pensamento, da escolha e da ação para tornar a humanidade, e a sociedade, virtuosas. O autor faz um alerta que “ao se deixar levar pelos encantos imediatos dos bens materiais, do prazer, do dinheiro e do poder, fará do mundo uma morada *desumana*, na qual imperam os privilégios de poucos, contra os direitos de todos” (COÊLHO, 2012, p. 24, grifo do autor).

De acordo com Coêlho (2012, p. 18), “vista como operadora de mão de obra para a economia e a sociedade que se mundializa, a escola corre sérios riscos de não passar de um centro de treinamento”. Assim, ao se preocupar apenas com a preparação dos alunos para atender aos interesses do negócio e do poder, a escola se configura apenas como uma

organização, um lugar de preparo para o trabalho. Entretanto, se almejamos uma sociedade justa, democrática, autônoma, livre, é preciso buscar, por meio da mediação pela própria palavra, a criação e recriação deste sentido de educação e escola na formação para a vida coletiva e pessoal (COÊLHO, 2012).

Portanto, baseados na concepção ideológica de Bakhtin (2003; 2009), podemos dizer que a determinação do sentido da escola depende de qual caminho queremos escolher para o futuro da sociedade, se atender às necessidades de bens materiais, ou buscar novos horizontes na defesa do coletivo, do que é de todos. Para Coêlho (2012), educar, escolarizar, é trabalhar uma iniciação crítica, de forma que as crianças, jovens e adultos coloquem o direito de todos acima dos interesses dos indivíduos e grupos. Porém, mesmo se falando tanto em liberdade, autonomia, ética, direitos humanos, no contexto escolar ainda vivenciamos um processo educacional que legitima as desigualdades sociais.

Na educação para além do capital, Mészáros (2005) recorda que a educação não deve se preocupar em qualificar para o mercado, mas para a vida; nesta concepção é necessário romper com a lógica desumanizadora do capital e se preocupar com o ser humano. Entretanto, para que isso aconteça, não devemos ficar presos ao espaço da sala de aula, ao terreno restrito da pedagogia, mas sair às ruas, abrir-se para mundo e, assim, preocupar-se com problemáticas sociais.

Nesse sentido, Mészáros (2005) lembra que o rompimento com o processo de exclusão educacional deve acontecer dentro das instituições e não com o simples acesso a ela, sendo que estar dentro da escola não é o suficiente para tirar milhões de pessoas da sombra do esquecimento social. Bourdieu (1998b), referindo-se à função de conservação social da escola, também considera que, sem meios de empreendimento sistemático de aculturação, ao receber um grande número de educandos que não dominam o grau de herança cultural dos predecessores, ou provindos de classes sociais desfavorecidas, acaba por estar condenada a uma crise, como, por exemplo, de “queda de nível”. Isso foi o que aconteceu em Woodrom Wilson, onde os alunos que foram recebidos pelo programa de inclusão, com a legitimação de vários estereótipos, foram considerados responsáveis pelo desprestígio da instituição, visto que muitos estavam ali apenas para fugir do reformatório.

Não é possível negar que, segundo Stubbs (2002, p. 157), “os sistemas educacionais do Ocidente moderno cada vez mais se defrontam com a diversidade linguística e cultural”, e essa diversidade pode ser concebida como um problema, ou como um recurso, uma oportunidade. Quando é vista como um problema, por muitas vezes, as classes que estão em

posição inferior são excluídas no processo educacional, legitimando estereótipos e desigualdades.

Desse modo, consideramos que a sensibilidade à palavra na educação é importante caminho por vários fatores ideológicos e pragmáticos, e o filme “Escritores da Liberdade” é um exemplo de como a palavra pode ser entendida como um instrumento de transformação social em meio a um contexto de desigualdades sociais, discriminações e exclusão. Para Lima (2008), existem muitos filmes americanos sobre escola. Contudo, ressalta que não são como “Escritores da Liberdade”, pelo fato de que, em seu enredo, é incentivada a leitura da literatura, ação que leva ao despertar individual para a escrita, desde um diário com suas vivências à produção de um livro, além de abordar temas psico-sócio-culturais, que, segundo o autor, atingem as escolas contemporâneas.

O filme *Freedom Writers*, pensando-se na tradução e na versão original de seu título, sugere a relevância que a palavra pode operar no sentido de transformar a realidade, no caso, escolar dos alunos e da professora, personagens do filme. Seja por meio da constatação ou mesmo da problematização, o dizer da palavra, especialmente por parte da professora a seus alunos, numa condição enunciativa de vivência, promove, por tabela, a condição dialógica de fazer, de mudar, de se libertar. Estando os sujeitos (alunos) libertos para escreverem a realidade que desejam, por consequência o fazer educacional da escola a que pertencem também se circunscreve. Diante disso, consideramos que a palavra se torna um instrumento condicionante de transformação do e no processo educacional, porque se subentende que esse processo se desenvolve com os próprios indivíduos nos espaços enunciativos em que eles mesmos se inserem.

De acordo com Bakhtin (2009), a palavra, além de ser um fenômeno ideológico por excelência, é o primeiro meio da consciência individual, produzida pelos próprios meios do organismo individual. Sem a necessidade de nenhum recurso ou material extracorporal para ser produzida, o papel da palavra é determinado como “*material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior)” (BAKHTIN, 2009, p. 37, grifos do autor). Desse modo, para compreendermos o problema da palavra interior, como um signo social e seu funcionamento como instrumento da consciência, que acompanha toda criação ideológica, não devemos adotar uma abordagem conceitual da linguística e da filosofia da linguagem não-sociológicas, mas fazer uma análise profunda e aguda da mesma (BAKHTIN, 2009). Todavia, ressaltamos que nesta concepção o que produz a palavra é a sua *significação*, sem

esta a palavra fica restrita à sua realidade física, corresponde apenas à produção fisiológica (BAKHTIN, 2009).

Considerando uma perspectiva pragmática de estudo da palavra (AUSTIN, 1962), a maneira como é visto e colocado em prática o ensino de língua, leitura e escrita, na escola, pelo princípio de iterabilidade, é muito importante para a conservação ou transformação social da/na própria instituição. Em Marcondes (2010, p. 4, grifo do autor), podemos observar que o significado de um signo é determinado pelo uso; nesse reflexo, seria também a palavra uma “uma forma de *ação* e não de descrição do real”.

Observamos que, com o objetivo de ajudar os alunos da sala 203 a entenderem o mundo em que estavam inseridos, a reconhecerem as possibilidades de romper com as fronteiras, a professora protagonista Erin Gruwell não fica restrita à transmissão dos conteúdos que deveriam ser ensinados, mas problematiza, sob o uso da palavra, as diferenças, as desigualdades sociais, e apresenta uma realidade além do que eles conheciam. Em alusão à teoria de Austin (1962), seria essa uma maneira de não só descrever, mas de agir no meio social e cultural. Além disso, é interessante ressaltarmos que, mesmo com um programa de inclusão social, a chamada integração voluntária, o colégio Woodrom Wilson não se preocupava com o desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes desta turma, mas apenas com a disciplina. Dessa forma, a professora reconhece as problemáticas e, através da palavra, realiza uma ação para mudar aquela realidade.

Gagné (2002) acredita que o ensino da língua materna, que é um dos objetivos da educação e da escola, envolve complicações. Entretanto, a respeito do ensino da leitura e da escrita, o autor defende que deve haver um equilíbrio entre as duas práticas pedagógicas concebidas para o processo: a centrada *no código* e a centrada *no uso do código*. A respeito da prática centrada *no código*, a prescritiva, lembra que está ligada à norma purista, se volta para a supremacia da escrita, em que a língua é concebida como um “código homogêneo, único e intrinsecamente superior” (GAGNÉ, 2002, p. 197). Quanto à prática centrada *no uso do código*, são abordadas e aceitas as variedades linguísticas de uso. Nela, reside o desejo pela promoção da emancipação das classes populares e a libertação pela palavra (GAGNÉ, 2002).

Mészáros (2005) defende que a função da educação libertadora seria justamente a de transformar o trabalhador de maneira que ele se utilizasse da palavra como uma arma para a transformação do mundo sob a condição de um agente político que pensa e que age em função de mudanças sociais. No filme “Escritores da Liberdade”, percebemos a resistência do sistema educacional em aderir a esse modelo de educação, que muitas vezes não sai do papel.

Embora seja uma prática isolada, a professora Erin Gruwell, na tentativa de desenvolver um processo educacional voltado para a emancipação dos alunos, não consegue encontrar apoio com os outros membros da instituição, como a coordenadora e os colegas professores, por isso precisa apelar para um órgão superior, na busca de praticar algo que já deveria estar acontecendo naquele local. Nesse sentido, Oliveira (2014) defende o que seria a verdadeira educação e, com base na descrição de Austin (1965), enfatiza que se agimos sobre o mundo por meio dos elementos da língua, e

as formas linguísticas que adotamos não podem ser tidas como meras descrições da realidade, mas antes como um fazer, logo, na condição de professores, podemos transformar a língua-alvo no foco a ser construído por meio dessa aprendizagem. (OLIVEIRA, 2014, p. 37).

Ao assumirmos a “palavra” como um instrumento de transformação social, alinhando Bakhtin (2009) e Austin (1962), compreendemos que a percepção da realidade social culturalmente se torna um fazer linguístico e ideológico diante das condições enunciativas e hierarquizantes do mundo social. Afinal, a professora é uma agente solitária a desencadear a mudança. Ao mesmo tempo, de maneira reversa ela é a figura representada por esse mesmo contexto educacional tradicional que, nesse caso, a inscreve uma condição de voz de autoridade para dizer. A concepção de que a palavra é um fazer pode ser vista no filme ao contemplarmos uma professora iniciante que resolve abandonar a carreira de advogada com a convicção de que algo deveria ser feito pela transformação dos jovens antes de eles chegarem aos tribunais, ou seja, ainda na escola. Assim, ao assumir uma turma, a 203, considerada um problema, com estudantes envolvidos com a criminalidade, intolerantes uns com os outros, sem perspectivas de um futuro melhor, insiste em seu trabalho com a palavra em plena circunstância de vivência. No primeiro momento a professora não tem uma boa aceitação, pois os alunos acreditavam que ela estava ali apenas para dar continuidade àquilo que todos já haviam tentado fazer. Entretanto, através da palavra, da capacidade ideológica, dialógica e pragmática que essa possui nas relações sociais, a profissional consegue transformar aquela realidade social. Para Oliveira (2014, p. 37), uma transformação nesse sentido de aprendizagem “ocorre porque a língua se torna um ato que altera a realidade do mundo e das pessoas engajadas em tal ação”.

Em Bakhtin (2009, p. 42) depreendemos a importância da palavra como constatação das mudanças sociais, uma vez que essa penetra em todas as relações sociais, tecida por fios ideológicos, históricos, sociais, entre outros. Portanto, fica “claro que a palavra será sempre o

indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. A palavra “é capaz de registrar as fases mais transitórias, mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. Nesse bojo, observamos que, no filme em estudo, as mudanças sociais são iniciadas e demonstradas através da palavra.

Contudo, as transformações ocorrem na interação entre a professora e os alunos, entre a professora e o diretor, no momento em que observamos a iniciativa da professora em promover o gosto pela leitura e pela escrita. Assim, para além da percepção ideológica e sociohistórica da palavra, consideramos a importância de seu caráter pragmático, em que não necessariamente apenas se descreve a realidade. Essa realidade, na condição de fazer, torna a palavra um atributo do fazer social, imbuído nas relações sociais, capaz de promover a mudança que ora se constata. Ao desenvolver seu projeto, a professora deixa claro que o ensino de língua não deve ser visto como um objeto descontextualizado, mas algo que ajude os alunos a se conhecerem, a compreenderem os seus mundos sociais e os dos outros. A partir de tais considerações, é interessante destacarmos a abordagem de Oliveira (2014, p. 37), para quem

[...] o professor pode se valer de seu ato de fala para problematizar aspectos do ensino e do próprio conteúdo apresentado e negociado com os alunos. Pode, sobretudo, fazer com que a língua ensinada se transforme em um objeto discursivo cada vez mais concreto nas práticas escolares e de maneira a transcender seu nível metalinguístico proposto por estruturas fonológica, morfológica e sintática que, ao máximo, serão pensadas em condições de produção e circulação, e alcançarão dimensões semânticas e pragmáticas, vinculadas exclusivamente à materialidade linguística.

Austin (1962, p. 121), ao tratar da Teoria dos Atos de Fala, demonstra que sua preocupação era em desenvolver um estudo a partir dos usos da palavra, uma vez que esse elemento representava uma forma de ação. Para o autor, o ser humano realiza atos/ações por meio de palavras. Portanto, a partir da visão pragmática da linguagem depreendemos a relevância da palavra nas interações sociais, que está presente não apenas na percepção, mas na promoção de ações.

No estudo desenvolvido por Fernandes e Pereira (2014), ao referir à linguagem como imbricada nas relações sociais, é abordada a função da palavra como de ferramenta realizadora de ações, individuais e sociais. Nessa abordagem, a sala de aula “torna-se um cenário relevante para a concretização dessas ‘ações’ intencionais, já que através dessa

interação professor-aluno/a aluno/a-aluno/a os saberes são construídos e ressignificados” (FERNANDES; PEREIRA, 2014, p. 26).

Como explorado por vários autores clássicos, e também em vários estudos acerca da linguagem nas práticas sociais, a palavra é um instrumento de poder. Bourdieu (1998a, p. 27-28) defende a concepção de que “a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder”. Nesta abordagem observamos que ao utilizarmos a palavra “não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos” (BOURDIEU, 1998a, p. 28). Numa educação institucionalizada, algo exigido dentre as disciplinas é a valorização da leitura e da escrita. Não raro, dentro das condições tradicionalistas de ensino da língua portuguesa, o poder de exclusão ainda continua a ser relacionado ao tratamento da palavra no contexto escolar. A esse respeito, Stubbs (2002, p. 157) ressalta que “toda a área da língua na educação está impregnada de superstições, mitos e estereótipos, muitos dos quais têm persistido por séculos”.

Em Stubbs (2002), percebemos a relação estabelecida entre o sucesso ou fracasso na escola e os estudos acerca da língua na educação, sendo que, entre os anos de 1960 a 1980, consideraram que o fracasso escolar estaria associado ao fracasso linguístico. Contudo, no estudo do autor citado anteriormente, observamos que hoje há o reconhecimento do perigo de apontar causas únicas para o fracasso escolar. Stubbs (2002, p. 94, grifo do autor) salienta que “o problema educacional diferenciado é causado, ainda que minimamente, pela *percepção* que as pessoas têm da língua, e não diretamente ou exclusivamente pela língua em si mesma”.

Nessa direção, Stubbs (2002, p. 88), sinaliza que, considerando a relação entre formas de discursos e formas de conhecimento autorizadas, “as técnicas para nomear o mundo podem lançar um foco crítico sobre os modos como o conhecimento é construído, e podem, por conseguinte, se tornar instrumentos para mudar o mundo”. A partir da análise do filme “Escritores da Liberdade”, percebemos a necessidade de uma abordagem social da palavra na escola, por entender que, até então nem tudo era permitido aos alunos da turma 203 conhecer, mas, através do incentivo à leitura e à escrita, a professora Erin Gruwell, partindo de problematizações do meio social dos próprios adolescentes, consegue transformar as visões desta turma acerca da língua, do ensino e da vida. Esse encorajamento para “a reflexão crítica dos leitores sobre a ordem social” é o que, segundo Stubbs (2002, p. 130), Freire vê como letramento emancipador.

No desenvolvimento da trama, a professora Erin Gruwell, ao assumir as aulas de língua inglesa e literatura da turma 203 do colégio Woodrom Wilson, composta por alunos considerados sem-futuro pelos outros professores e pela coordenação, começa a seguir o modelo pedagógico de ensino adotado pela instituição, com a transmissão de conteúdos normativos e de estrutura da língua. Porém, ao observar a intolerância dos adolescentes com os grupos étnicos e sociais diferentes dos seus, o envolvimento com gangues, a falta de interação entre as diversidades sociais e culturais, começa uma discussão acerca do holocausto, o que ela chama de grande “gangue nazista”, responsável por destruir muitas vidas e provocar a Segunda Guerra Mundial, levando-os ao questionamento de suas ações e das situações em que estavam envolvidos.

Stubbs (2002) considera como uma necessidade, ao discutir sobre a língua na educação, relacionar a aprendizagem da língua às questões de cultura e sociedade. A partir daí, na evidência de condições de um baixo capital cultural daqueles adolescentes, considerado por Bourdieu (1998) como transmitido pela família e que será percebido na escola, desacreditados pelo sistema de ensino, a senhora. G. (como era chamada pelos alunos) resolve buscar ajuda na tentativa de alcançar o desenvolvimento dos alunos, não só intelectual, mas também cultural e ético. Depois de diálogos em sala, problematizações relacionadas aos contextos sociais e culturais dos alunos, Erin propõe a escrita de relatos de fatos cotidianos ocorridos com eles ou algo que tivessem vontade de falar, na espécie de um diário, em um caderno doado pela própria professora, sem fins avaliativos. Esta prática seria semelhante ao que foi realizado por Anne Frank, na obra “O Diário de Anne Frank”⁶.

A atividade da escrita é proposta devido às várias histórias dos alunos que, muitas vezes, não conseguiam e/ou nem poderiam expor oralmente para a professora. Ao oferecer a oportunidade de se abrirem pela escrita, Erin demonstra a importância da utilização da língua escrita como forma de ampliar a capacidade dos estudantes expressarem significados e comunicá-los aos outros, ou até para eles próprios. Como, também, defende Stubbs (2002, p. 135) “isso implica que a língua escrita envolve não só formas linguísticas, funções e significados, mas também novas formas de relações sociais, com os professores e outros alunos, e também como anônimos distantes ou audiências”, ou ainda atendendo às finalidades e audiências reais.

⁶ Obra composta pelos relatos de uma garota que estava escondida em um anexo com sua família e outros judeus em Amsterdã, no período da Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1944, durante a ocupação nazista dos países baixos. A leitura deste livro foi um desafio proposto por Erin aos alunos e responsável por muitas mudanças ocorridas em suas vidas.

No entanto, para conseguir desenvolver as atividades de leitura e visitas culturais, a professora encontrou diversos obstáculos na instituição escolar. Na busca pelos livros na biblioteca, obteve a resposta de que não era permitido aos alunos daquela turma utilizarem as obras clássicas. O máximo a que tinham acesso eram obras condensadas, sob a justificativa de que aqueles estudantes poderiam estragar os livros e a instituição não tinha dinheiro para ficar gastando com eles. Nesta situação, como aponta Bourdieu (1998b), a escola não disponibiliza a todos os alunos o acesso cultural e linguístico, isso fica restrito aos integrantes da classe alta. Bourdieu (1998b, p. 60) afirma que “as necessidades frente às obras da cultura erudita não são senão um aspecto e um efeito das desigualdades frente à escola, que cria a necessidade cultural ao mesmo tempo que define os meios de satisfazê-la”.

Interessante observar as relações de poder neste espaço, sendo que os alunos da sala 203 estavam numa posição hierárquica inferior no ambiente escolar; não tinham de início o direito à palavra e a única história que se conhecia a respeito deles é a de que eram criminosos, vindos de famílias desestruturadas, com baixo poder aquisitivo, que não queriam e nem eram capazes de aprender. Em Bourdieu (1998b) depreendemos que a família é responsável por transmitir a seus filhos, de maneira direta e, sobretudo indireta, um certo capital cultural, sendo que esta herança cultural é um aspecto determinante para o êxito nas instituições escolares, demarcando as diferenças entre as crianças. Assim, aqueles alunos que já se apresentavam em situação inferior, haja vista que não conheciam um museu, não tinham acesso a leituras de literatura clássica, dentre outras privações culturais.

Observamos que, mesmo referindo-se a crianças, Stubbs (2002, p. 119) salienta que, embora existam justificativas externas para o fracasso escolar, “as crianças podem ter sucesso ou fracassar devido a características do próprio sistema escolar”. Portanto, a maneira como a instituição disponibiliza o acesso cultural, por intermédio do currículo, é relevante para o êxito no processo educacional. Bourdieu (1998b, p. 62) assevera que a função que cabe à instituição escolar desempenhar é justamente a de “desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres”. Para ajudá-los a ter este acesso, sem o apoio da coordenação da escola, a professora precisou trabalhar em outros empregos e pagar com recursos próprios a visita ao museu do holocausto, onde aqueles alunos do filme puderam conhecer histórias de vítimas da barbárie nazista, jantar em um hotel de luxo, local de trabalho da professora, com a oportunidade de conversarem com sobreviventes do holocausto que foram convidados para estarem ali com os alunos, coisas que eles jamais imaginaram que um dia pudessem conhecer.

Além das visitas culturais, como não foi permitido que se emprestassem os livros da biblioteca aos alunos, a professora Erin comprou livros novos e ofereceu de presente a cada um, dentre eles estava o “Diário de Anne Frank”. A cena em que a professora entrega a sacola com livros visualiza a alegria dos alunos em perceberem que eram importantes.

Numa abordagem histórica a respeito do ensino de leitura e escrita na escola, é trivial a afirmação de Stubbs (2002, p. 97) de que “a exigência da alfabetização universal e, portanto, a tentativa de estender o letramento de uma elite para a população inteira, datam apenas do final do século XIX”. Apesar de hoje ser considerado algo positivo, muitas pessoas no século XIX acreditavam que estender o letramento à classe trabalhadora seria muito perigoso. Justamente por ocasião da concepção de poder e de transformação que a palavra exerce, visto que os detentores do poder tinham medo do acesso à literatura levar a uma agitação social das classes trabalhadoras e, assim, diminuir a força de trabalho manual (STUBBS, 2002).

Depois de lerem as obras, motivados pela comparação de suas vivências com os relatos do “Diário de Anne Frank”, os alunos se sentem instigados a realizar o trabalho sugerido pela professora, que foi a proposta de escrever uma carta à Sra. Miep Gies, que acolheu a garota Anne Frank durante sua fuga. Assim, a professora torna o contexto de produção da escrita como uma situação real marcadamente pelo suporte e por outras categorias do gênero. Mas, os adolescentes querem ir além da produção textual, insistem para que a professora Erin envie as cartas à Sra. Miep Gies e a convide para visitar a escola. Com campanhas para conseguir dinheiro, através da união de toda a turma, mesmo contra a vontade da coordenadora responsável pelo colégio, conseguem levá-la a uma visita à turma 203. Na ocasião, depois de ler as cartas dos alunos e de ouvir cada um deles mencionar que seria a heroína daqueles leitores, a Sra. Miep Gies responde:

Eu não sou uma heroína, eu fiz o que tinha de fazer, porque era a coisa certa a fazer, foi só isso [...] nós somos pessoas comuns, mas mesmo uma simples secretária, uma dona de casa, um adolescente, podem, mesmo que com pequenas atitudes, acender uma luzinha numa sala escura.

Além de proporcionar novas experiências culturais de língua e por meio da língua àqueles adolescentes, a leitura e a escrita os ajudaram a se compreenderem, a libertarem-se dos medos, dos sofrimentos, das raivas, a se sentirem importantes e ansiarem por um futuro melhor, longe dos crimes. Observamos que essa abordagem de ensino serviu de suporte para as novas ações dos alunos e, assim, para um encorajamento da professora por lutar pela

emancipação de seus alunos. Nessa perspectiva, Adorno (1995, p. 119) defende que “a exigência que Auschwitz⁷ não se repita é a primeira de todas para a educação”, portanto, para o autor, deveríamos estar mais preocupados em desenvolver metas para educação que não permitissem tal barbárie, mas que a pressão social, que historicamente culminaria em Auschwitz, continua existindo, se impondo.

Ao comparar as pequenas gangues do contexto dos alunos com a grande gangue nazista, a professora Erin busca desenvolver o sentido da educação defendido por Adorno (1995), que seria dirigida a uma autorreflexão crítica. Desse modo, Adorno (1995, p. 121) aborda que numa grande barbárie os “culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva”, complementando que “é necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias”. Mesmo representando uma prática isolada, o que a professora de língua tenta fazer é isso, através da palavra: levar os alunos a refletirem criticamente sobre suas vidas, suas ações, seus contextos sociais, ajudando na concretização do letramento emancipador de Freire, abordado por Stubbs (2002).

No filme são retratadas, mesmo que de maneira implícita, as concepções elencadas por Adorno (1995). Observamos que o objetivo único da educação em Woodrom Wilson para a turma 203 era a disciplina. Como era uma turma de adolescentes envolvidos com gangues, em contextos violentos, eram culpados pelo declínio de prestígio da instituição. Adorno (1995) enfatiza que a “ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada”. Neste tipo de educação, os medos, as emoções, a subjetividade, são reprimidos, o que é valorizado é o “ser duro”, são indiferentes à dor, como explora Adorno (1995). No filme, os alunos não eram capazes de discernir entre a dor dos outros e a deles próprios, pois eram tratados com severidade, sem serem levados a refletir sobre suas vidas, pareciam pessoas incapazes de amar. Nesse sentido, o fazer linguístico da professora propiciou um olhar à alteridade.

Adorno (1995, p. 136) ressalta a necessidade de reflexão crítica acerca da possibilidade de haver uma outra situação de fúria, como em Auschwitz, lembrando que “amanhã pode ser a vez de um outro grupo que não os judeus, por exemplo, os idosos, que escaparam por pouco no Terceiro Reich, ou os intelectuais, ou simplesmente alguns grupos divergentes”. Assim, a escola e os professores podem ajudar no impedimento de tal situação,

⁷ Nome dado à rede de campos de concentração na Polônia, operados pelo Terceiro Reich e perpetrado por Adolf Hitler, foi o maior símbolo de holocausto dos judeus promovido pela Alemanha nazista.

através de uma prática libertadora, emancipatória, que valorize mais a formação humana e ética do que o profissional técnico, construído para suprir as necessidades do capital. Tudo isso implica entender que o currículo escolar e prática pedagógica do professor estão organizados na superfície em que a língua(gem) exerce função primordial.

Através de atividades, como a leitura do livro “O Diário de Anne Frank”, os alunos compreendem melhor o seu contexto e a partir daí produzem mudanças em seu convívio social, seja na escola ou no meio familiar. Como abordado por Souza (2013), as concepções que os estudantes tinham acerca da escola foram alteradas com o reconhecimento de quem eram, das problemáticas sociais enfrentadas por eles. Com isso, a instituição passou a ser um espaço de segurança, o que levou a uma transformação de atitudes discentes diferenciadas nos ambientes sociais em que estavam inseridos. Um exemplo foi um aluno que ficava sempre reprimido na sala de aula, jamais falava algo e que ninguém sabia nada a seu respeito, nem mesmo seu nome, mas em um certo dia pede à professora para ler um trecho do seu diário em que relatava as dores de ser despejado, das dificuldades e das dores enfrentadas. Entretanto, com as aulas ministradas, ele diz: “eu entro na sala e sinto como se todos os problemas da vida não fossem tão importantes [...] estou em casa”.

Além das transformações no contexto escolar, os adolescentes demonstram outras situações de mudança, dentre elas percebemos a luta pela justiça, e não mais apenas a defesa por seu grupo, a capacidade de enfrentar os problemas sociais sem a necessidade de se envolver em outros crimes, a volta de adolescentes para suas casas e, além do interesse pelos estudos, eles tentam permanecer unidos, indiferente de suas origens étnicas, sociais ou culturais. Veem uns nos outros um apoio, uma família, uma força para lutarem bravamente pelos seus direitos.

Apesar das dificuldades encontradas pela professora e pela turma para desenvolverem o projeto de leitura e escrita, no final foi possível perceber o êxito de suas lutas, sendo que o último desafio proposto pela Sra. G foi transformar os diários em um livro “O Diário dos Escritores da Liberdade” (*The Freedom Writers Diary*). Com a doação de computadores por uma empresa, os alunos se envolvem na produção da obra e, assim, baseado em uma história real, este foi o livro que deu origem ao filme “*Freedom Writers*”. Desse modo, como salienta Stubbs (2002), podemos dizer que a escrita confere poder às pessoas e, mesmo que seja considerado por ele como um termo ambíguo, foi uma fonte de libertação para os alunos da turma 203 do colégio Woodrom Wilson.

Considerações Finais

A partir das leituras relacionadas às concepções ideológicas e pragmáticas da palavra, bem como os sentidos da educação e da escola, e apreciação do filme “Escritores da Liberdade”, percebemos que a instituição escolar, muitas vezes, mesmo passando por várias transformações, ainda desenvolve um processo educacional para atender às demandas do capital e do poder. Com foco para o ensino da língua, é comum vivenciarmos práticas de leitura e escrita que buscam apenas a reprodução de manuais didáticos que não condizem com o contexto social vivenciado pelo aluno, ou melhor, um ensino da língua apenas com o objetivo de memorizações de regras e aplicabilidades mecânicas da mesma. Desse modo, a educação passa a não fazer sentido para os alunos que vivenciam diversas práticas sociais e subjetividades que não são problematizadas na escola.

No entanto, mesmo em meio a uma educação que legitima as desigualdades sociais, com uma escola para a conservação social, a palavra numa mobilidade de fala (SAUSSURE, 2006) pode ser utilizada como uma possibilidade de mudança, de transformação social dos sujeitos envolvidos neste processo a partir da relação intersubjetiva de sala de aula. Na disponibilização de oportunidades, o professor, não apenas da disciplina de língua materna, possui um papel muito importante, em que não é suficiente apenas transmitir conteúdo, mas promover uma política educacional emancipatória. Como acontece no filme “Escritores da Liberdade”, a transformação social foi evidenciada a partir de uma prática de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita que não ficou presa ao espaço físico da instituição, mas a partir da problematização contextual das situações dos alunos e de um fazer que viabilizou um reconhecimento humano e situado desses estudantes, os quais perceberam um outro futuro, ético e justo, para suas vidas, levando à convicção de que eles eram importantes. Através da proposta de letramento incorporada na prática pela professora Erin Gruwell, é possível depreendermos que, com nossas atitudes, podemos acender uma luzinha numa sala escura, como disse a Sra. Miep Gies. Desse modo, a palavra, como signo social, como instrumento de ação, pode colaborar com a construção de uma nova realidade no processo educacional.

Referências

ADORNO, Theodor W. Educação Após Auschwitz. *In*: _____. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDDT, Hannah. A Crise da Educação. *In:* _____. **Entre o Passado e o Futuro**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

AUSTIN, John L. **How to do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem. *In:* _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 31-67.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998a. p. 23-52.

_____. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998b.

COÊLHO, Ildeu M. Escritos Sobre o Sentido da Escola: uma introdução. *In:* _____. (Org.). **Escritos Sobre o Sentido da Escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 15-32.

ESCRITORES da liberdade (Original: *Freedom Writers*). Gênero: drama. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Elenco: Hilary Swank, Patrick Dempsey, Scott Glenn, Imelda Staunton, April Lee Hernandez, Mario, Kristin Herrera, Jacklyn Ngan, Sergio Montalvo, Jason Finn, Deance Wyatt, Vanetta Smith, Gabriel Chavarria, Hunter Parrish e Antonio Garcia. Distribuidora Paramount Pictures. Alemanha/ Estados Unidos: 2007. Classificação: 14 anos. Duração: 123 min. Legendado. Colorido.

FERNANDES, Clodoaldo F.; PEREIRA, Ariovaldo L. A Língua(gem) e o Poder: estratégias simbólicas de exclusão social. **Ícone**: revista de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura, v. 13, p. 24-35, jan.2014.

GAGNÉ, G. A Norma e o Ensino de Língua Materna. *In:* BAGNO, M.; GAGNÉ, G.; STUBBS, M. (Org.). **Língua Materna**: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola, 2002. p.163-243.

LIMA, Raymundo de. O filme “Escritores da Liberdade” e a Função do Pensamento em Hannah Arendt. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 82, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/082/82lima.htm>>. Acesso: 19 fev. 2016, 10:24.

MARCONDES, D. Por uma Visão Performativa da Pragmática: significado e ação. **Cognitio**: revista de filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), n. 2, v. 11, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. Formação Crítica de Professores de Línguas: uma proposta emancipatória e política. **Revista Escrita**, n. 19, p. 31-47, 2014. Disponível em: <www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23759/23759.PDF>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Fernando dos A. Um Ensaio Sociológico a Respeito do Filme Escritores da Liberdade. **Horizontes**: revista de educação. Dourados, MS, n. 1, v. 1, p. 121-133, jan./jun. 2012.

STUBBS, Michael. A Língua na Educação. *In*: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Maternal**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002. p. 85-162.